

**RELAÇÃO ENTRE O PERFIL SOCIOECONÔMICO E O PADRÃO DE USO DE  
ÁLCOOL E MACONHA DE ESTUDANTES DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E  
ADULTOS (EJA)**

***RELACIÓN ENTRE EL PERFIL SOCIOECONÓMICO Y EL PATRÓN DE USO DE  
ALCOHOL Y MARIHUANA DE LOS ESTUDIANTES DE EDUCACIÓN DE JÓVENES  
Y ADULTOS (EJA)***

***RELATIONSHIP BETWEEN THE SOCIOECONOMIC STATUS AND THE PATTERN  
USE OF ALCOHOL AND MARIJUANA OF STUDENTS FROM YOUTH AND ADULT  
EDUCATION (EJA)***

Aline da Costa SOEIRO<sup>1</sup>  
Douglas GARCIA<sup>2</sup>  
Daniela Ribeiro SCHNEIDER<sup>3</sup>

**RESUMO:** Objetiva-se discutir o perfil socioeconômico de estudantes da EJA em Florianópolis em sua relação com o padrão de uso de álcool e maconha. Delineamento epidemiológico e transversal, com 364 participantes, uso de estatísticas descritivas e inferenciais. O padrão de consumo apresentado no último ano e mês de álcool (73,9% e 59,3%) e de maconha (39% e 31,9%) foi significativamente maior do que os dados disponíveis de outras pesquisas sobre estudantes brasileiros, como do CEBRID e do IBGE. Entre os estudantes, a dimensão da faixa etária foi a que apresentou diferenças mais significativas, quando os de 15-17 anos tiveram índices mais elevados de consumo de substâncias do que os mais velhos, refletindo a questão da juvenilização da EJA. O histórico de vulneração dos estudantes da EJA, que chegam a esta modalidade com várias experiências de exclusão escolar e social é uma das principais condições para este uso elevado de substâncias psicoativas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Epidemiologia. Educação de Jovens e Adultos. Estudantes. Álcool. Maconha.

<sup>1</sup> Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis – SC – Brasil. Pós-Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4898-0979>. E-mail: [lisoeiro@gmail.com](mailto:lisoeiro@gmail.com)

<sup>2</sup> Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis – SC – Brasil. Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Psicologia. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5245-6075>. E-mail: [garciadouglas90@gmail.com](mailto:garciadouglas90@gmail.com)

<sup>3</sup> Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis – SC – Brasil. Professora Titular do Departamento de Psicologia e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Pós-doutorado em Ciências da Prevenção (Saúde Pública) (MSGM/Miami). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2936-6503>. E-mail: [danischneiderpsi@gmail.com](mailto:danischneiderpsi@gmail.com)

**RESUMEN:** El objetivo es discutir el perfil socioeconómico de los estudiantes de EJA en Florianópolis en su relación al patrón de consumo de alcohol y marihuana. Diseño epidemiológico y transversal, con 364 participantes, utilizando estadística descriptiva e inferencial. El patrón de consumo presentado en el último año y mes de alcohol (73,9% y 59,3%) y marihuana (39% y 31,9%) fue significativamente superior a los datos disponibles de otras encuestas de estudiantes brasileños, como las de CEBRID e IBGE. Entre los estudiantes, la dimensión del grupo de edad fue la que mostró las diferencias más significativas, cuando los de 15-17 años tenían mayores tasas de consumo de sustancias que los mayores, reflejando el tema de la juvenización de EJA. El historial de vulnerabilidad de los estudiantes de la EJA, que llegan a esta modalidad con varias experiencias de exclusión escolar y social, es una de las principales condiciones para este alto consumo de sustancias psicoactivas.

**PALABRAS CLAVE:** Epidemiología. Educación de Jóvenes y Adultos. Estudiantes. Alcohol. Marihuana.

**ABSTRACT:** The goal is to discuss the socioeconomic status of EJA's students in Florianópolis concerning the pattern use of alcohol and marijuana. An epidemiological and cross-sectional design, with 364 participants, using descriptive and inferential statistics. The consumption pattern presented in the last year and month of alcohol (73.9% and 59.3%) and marijuana (39% and 31.9%) was significantly higher than data available from other surveys on Brazilian students, such as those of CEBRID and IBGE. Among the students, the dimension of the age group was the one that showed the most significant differences, when those aged 15-17 years had higher rates of substance use than the older ones, reflecting the issue of the juvenilization of EJA. The vulnerability history of EJA students, who come to this modality with several experiences of school and social exclusion, is one of the main conditions for this high use of psychoactive substances.

**KEYWORDS:** Epidemiology. Youth and Adult Education. Students. Alcohol. Marijuana.

## Introdução

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) consolidou-se no Brasil a partir dos preceitos da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (BRASIL, 1996), em que foi definida no artigo 37, como a “modalidade de ensino destinada àqueles que não tiveram acesso ou à continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria”. Em seus antecedentes essa modalidade foi chamada de “ensino supletivo”, mas a mudança para a perspectiva da Educação foi justo para romper com a lógica de suplemento, passando a incorporá-la como uma modalidade efetiva do processo educacional, para além do meramente instrucional, em um processo complexo, envolvendo diferentes vias de ensino-aprendizagem, com práticas formais e informais relacionadas aos conhecimentos básicos, às competências técnicas e profissionais e às dimensões de cidadania e habilidades socioculturais dos estudantes ingressados (FRIEDRICH *et al.*, 2010).

A EJA vem se consolidando em uma ação educativa para estudantes que possuem trajetórias de vida marcadas por dificuldades em diversos âmbitos, entre elas vivências de exclusão e negação de direitos, além de condições de risco psicossocial, contextualizadas a partir dos territórios existenciais de jovens de classe populares no Brasil (ARROYO, 2005). Essas vulnerabilidades incidem na restrição do acesso ao ensino na escolarização etária regular e acabam por ser determinantes nas escolhas pelo absenteísmo e evasão escolar, lançando estes estudantes na exclusão da escola regular e na busca de alternativas educacionais mais acolhedoras para a diversidade da formação sociocultural da juventude brasileira.

Nas transformações das políticas educativas foi alterada a idade mínima para entrada na EJA, que passou de 18 para 15 anos no ensino fundamental e de 21 para 18 anos no Ensino Médio. Esta regulação tem produzido, pouco a pouco, aquilo que foi definido como um processo de juvenilização dos estudantes da EJA (SOUZA FILHO; CASSOL; AMORIM, 2021). Cada vez mais, jovens adolescentes que desistem de estudar no ensino regular têm procurado vagas nesta modalidade. Trata-se de um novo grupo social que ocupa estes bancos escolares, diferente dos tradicionais estudantes da EJA, trabalhadores rurais ou urbanos, que não tiveram oportunidades anteriores de se alfabetizarem.

Esses jovens trazem, geralmente, uma trajetória escolar anterior malsucedida, sendo que, em grande medida, enquanto os mais velhos veem na EJA uma perspectiva de integração sociocultural, os mais jovens mantêm com ela uma relação de tensão e conflito aprendida na experiência anterior (HADDAD; DI PIERO, 2000). Ambos os grupos trazem marcadores sociais fortes, com histórias de vulneração social e interseccionalidades que lhe constituem: questões de raça (PASSOS; SANTOS, 2018), de classe social e de gênero atravessam as histórias desses alunos, impondo desafios para professores e equipes pedagógicas no planejamento das ações educativas e na conciliação de públicos com interesses tão diversos (HADDAD; DI PIERO, 2000).

A EJA atende uma grande diversidade de situações sociais, o que aumenta ainda mais seus desafios: pessoas com deficiência, reclusos, indígenas, quilombolas, sem terras, pessoas em situação de rua, entre outros, que exigem dos professores uma abertura para “trabalhar com a heterogeneidade – de culturas, de idades, de interesses, de traços e perfis individuais, o que sugere não ser mais viável ficarmos presos a uma homogeneidade abstrata” (MELLO, 2009, p. 6). Sendo assim, a relação tensa e conflituosa com a escola já vem da trajetória escolar anterior do jovem diante de aspectos disciplinares e pedagógicos, fatores que acabam por se constituir como excludentes na perspectiva da interação social e cultural. “Essas visões, atitudes e

posturas acabam estigmatizando esse jovem aluno, rotulado como problema” (SOUZA FILHO; CASSOL; AMORIM, 2021, p. 723).

Sendo assim, a EJA, em sua dimensão de gestão e projeto pedagógico, tem de enfrentar o desafio de lidar com os desdobramentos de iniquidades socioeconômicas que impactam o acesso à educação. Suas dificuldades constituem-se, portanto, como expressão histórica da desigualdade dos bens materiais e simbólicos, bem como da negação de direitos fundamentais, dentre eles o direito pleno à educação para parte da população brasileira (RUMMERT, 2007).

Estudantes da EJA possuem necessidades educativas diferenciadas dos estudantes de mesma idade que fazem parte de outras modalidades de ensino, pois o seu perfil é majoritariamente de trabalhadores, que tem sua realidade social marcada pelo exercício de profissões que exigem esforço físico, recebem salários baixos, estudam no período noturno, após jornadas de trabalho exaustivas e possuem dificuldades no acesso a materiais e bens culturais que facilitariam seu processo de aprendizagem (ARROYO, 2005). Todos esses problemas concorrem com as práticas pedagógicas da EJA, sendo que, muitas vezes, pelas condições de vida presentes e pelo histórico anterior de fracasso escolar, não conseguem priorizar os estudos. Sendo assim, suas trajetórias educativas são delineadas, em certo sentido, por experiências de fracasso, de incapacidade, de desinteresse, de indisciplina, assim como de comportamentos de risco (SOUZA FILHO; CASSOL; AMORIM, 2021).

Entre as vulnerabilidades psicossociais mais comuns destes públicos encontra-se a questão do abuso de substâncias psicoativas e o envolvimento com o tráfico. Esta condição se relaciona com uma multideterminação deste fenômeno do abuso de álcool e outras drogas, com características históricas e interseccionais (classe social, raça, gênero), que perpassa por questões de ordem territoriais, pelo fato de muitos desses jovens residirem em bairros empobrecidos, com histórias de violência, que acabam enrodilhados por estas situações de comércio ilegal e disputas entre facções criminosas (MELLO, 2009; CARRANO, 2007). Da mesma forma, vêm atravessados por questões de ordem familiar, marcadas pela transgeracionalidade de várias experiências advindas de trajetórias de vulneração e, muito comum, de problemas relacionados ao uso de substâncias psicoativas.

É importante destacar que vários levantamentos epidemiológicos no Brasil mostraram que o consumo de álcool e outras drogas entre estudantes de escolas regulares se faz presente desde cedo (IBGE, 2021; CARLINI *et al.*, 2010), indicando a necessidade de pensar políticas públicas dirigidas a este público. Por exemplo, a última PENSE (Pesquisa Saúde do Escolar, 2019) demonstrou que no sul do país 38,1% de escolares de 13 a 17 anos, 30,9% nos escolares de 13 a 15 anos e 51,9% dos escolares de 16 e 17 anos consumiram álcool no último mês. A

taxa foi mais elevada em Santa Catarina (41,4%), sendo que Florianópolis está entre as capitais com os índices mais elevados (34,4%) (IBGE, 2021). Já o consumo da maconha no último mês no sul do país entre os estudantes de 13 a 17 anos foi de 6,7%, sendo de 4,7% para os escolares de 13 a 15 anos e de 10,3% para os de 16 e 17 anos. Florianópolis foi a capital que apresentou o maior índice de uso de maconha nos últimos 30 dias entre os estudantes (9,4%) (IBGE, 2021).

Os dados do V Levantamento entre Estudantes Brasileiros, ainda que sejam de 2010, indicam importantes dados para comparação, como o consumo elevado para estudantes de Florianópolis de álcool no último ano (63,4%) e no último mês (59,3%), sendo o uso no ano de maconha nesta capital de 5,0% e no mês de 3,2% (CARLINI *et al.*, 2010).

No entanto, nestes levantamentos nacionais não aparecem dados sobre estudantes da Educação de Jovens e Adultos que, pelas várias dimensões acima citadas, caracterizam-se por condições de maior vulnerabilidade social e aumento de exposição a situações de risco, incluindo o abuso de substâncias psicoativas. Em busca realizada no portal Scielo e Redalyc, em março de 2021, não encontramos nenhum artigo que descrevesse uma abordagem epidemiológica relacionada ao padrão do uso de álcool e outras drogas sobre estes estudantes, com exceção de um artigo que abordava a questão do uso de tabaco entre estudantes de uma cidade de Goiás (VARGAS *et al.*, 2017).

Este artigo objetiva descrever a relação entre o perfil socioeconômico de estudantes da EJA do município de Florianópolis e o padrão de uso de álcool e maconha do grupo em questão, como parte do levantamento de necessidades para subsidiar o desenvolvimento de um programa de promoção de saúde e prevenção de riscos ao uso abusivo de drogas na EJA (BRASIL, 2002), que tenha na redução de danos e na promoção da saúde os princípios norteadores para as ações. A metodologia geral do projeto buscou envolver os estudantes e professores como coconstrutores do processo de desenvolvimento de intervenções, para que estes se colocassem como autores do desenvolvimento de ações de promoção de saúde em contexto educacional (RAUPP; SCHNEIDER, 2017; SCHNEIDER *et al.*, 2019).

Esta ação de pesquisa e de extensão surgiu a partir de uma demanda da Secretaria Municipal de Educação de Florianópolis, mediante a solicitação de um projeto de intervenção na EJA, a fim de abordar problemas relativos ao uso de drogas pelos estudantes, em especial, a maconha. A demanda foi justificada por meio de relatos acerca do uso de maconha ser considerado um dos principais problemas enfrentados pelos coordenadores e professores, ao ser percebido como uma prática frequente entre uma parcela considerável dos alunos em horário escolar, acarretando problemas diversos, internos e externos aos polos de ensino. Em função da compreensão da complexidade envolvida na questão do consumo de substâncias psicoativas na

perspectiva de evitar reducionismos, foi proposto, como primeiro passo, o levantamento do padrão de uso ora relatado, para compreender a real dimensão da problemática levantada, visando fundamentar ações de promoção de saúde e redução de danos, com base nas necessidades específicas deste público da EJA (RAUPP; SCHNEIDER, 2017; SCHNEIDER *et al.*, 2019). Esta é a parte da pesquisa e extensão aqui relatada.

## **Método**

### **Delineamento geral**

Trata-se de um estudo de corte transversal, desenvolvido por meio de levantamento epidemiológico junto aos estudantes dos núcleos de Educação de Jovens e Adultos (EJA) do município de Florianópolis. A coleta de dados foi realizada no período de outubro a novembro de 2017.

### **Participantes da pesquisa**

A amostragem foi por conglomerado, não aleatória, tendo sido recrutados os estudantes presentes no dia da aplicação da pesquisa em sala de aula de seis núcleos da EJA de Florianópolis, os quais aceitaram participar e responderam o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE). Anterior à coleta de dados, a direção de cada núcleo da EJA já havia assinado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), ao concordar com a participação dos estudantes matriculados na instituição.

A amostra de pesquisa teve a inclusão inicial de 378 estudantes, dentre os quais foram excluídos 14 participantes por deixarem o instrumento em branco ( $n = 12$ ) ou por responderem perguntas que inquiriram sobre o uso de drogas inexistentes como critério de exclusão para respostas falsas positivas ( $n = 2$ ), totalizando, assim, uma amostra final válida de 364 estudantes.

### **Instrumento e procedimento de coleta de dados**

O instrumento utilizado foi um questionário, validado anteriormente em pesquisas de colaboração entre a Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP) e a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) para avaliar programas preventivos (SANCHEZ *et al.*, 2017). É composto por um conjunto de 76 itens que objetivou rastrear variáveis explicativas relacionadas



a dados sociodemográficos, questões de violência e bullying e relação dos estudantes com os estudos e com a escola. Além das variáveis explicativas, o instrumento também contemplou variáveis de desfecho relacionadas a padrão de consumo de substâncias psicoativas. O questionário foi construído a partir de três instrumentos: o questionário da *European Drug Abuse Prevention Trial* (EUDAP) adaptado ao português (PRADO *et al.*, 2016), o questionário amplamente utilizado em levantamentos com estudantes brasileiros pelo Centro Brasileiro de Drogas Psicotrópicas Informações (CARLINI *et al.*, 2010) e alguns itens extraídos da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (IBGE, 2016), principalmente sobre a relação dos estudantes com a escola.

A aplicação do questionário foi on-line e conduzida pelos próprios estudantes da EJA, coparticipantes do projeto de pesquisa, que foram treinados para a tarefa e supervisionados pela equipe de pesquisadores, pós-graduandos do Núcleo de Pesquisas em Clínica da Atenção Psicossocial (PSICLIN/UFSC).

### Procedimentos analíticos

Os dados inicialmente foram tabulados e organizados em suas respectivas variáveis e modalidades categóricas de respostas. Alguns dados sociodemográficos foram agrupados e sintetizados para a composição de uma variável de nível socioeconômico a partir do Critério Brasil (ABEP, 2018). Estatísticas descritivas de frequência também foram utilizadas para sintetizar e estimar as tendências observadas com os dados de cada variável separadamente.

Para análise inferencial dos dados foi utilizado o teste de qui-quadrado para comparação entre grupos em relação às modalidades categóricas de respostas das variáveis incluídas no estudo. Na ocorrência de violação às pressuposições estatísticas do teste de qui-quadrado, foi utilizado o teste de Razão de Verossimilhança. O tamanho do efeito das associações entre as categorias das variáveis foi estimado pela estatística V de Cramer. A análise de Resíduos Ajustados também foi utilizada para estimar os cruzamentos de categorias com diferenças das estimativas em escores z mais elevadas ( $1,96 \geq \alpha \leq -1,96$ ; IC 95%).

Para os procedimentos analíticos, foram considerados apenas os casos válidos (*pairwise deletion*) das variáveis em análises pareadas para otimizar ao máximo o volume de dados e evitar imputação e o consequente risco de artificialização dos resultados. Os procedimentos de análise de dados foram realizados por meio do *software Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS-12).

Este estudo seguiu todas as exigências éticas da Resolução CNS 466/12, aprovado pelo Comitê de Ética sob nº CAAE nº CAAE 75283317.3.0000.0121.

## Apresentação e discussão dos resultados

O perfil socioeconômico dos estudantes da EJA - Florianópolis.

Os dados obtidos neste estudo evidenciam relativa heterogeneidade amostral nas respostas das variáveis socioeconômicas dos participantes, indicando, porém, uma maior prevalência de participantes do sexo masculino (61%), jovens de 15 a 17 anos (51,4%), de raça negra (50,3%), pertencentes a condições socioeconômicas desfavorecidas, consideradas pelo Critério Brasil (ABEP, 2018) como sendo das classes D e E (49,2%) (tabela 1).

**Tabela 1** – Caracterização dos dados sociodemográficos dos estudantes da EJA do município de Florianópolis, 2017

|                    | n   | Total<br>% |
|--------------------|-----|------------|
| Sexo               |     |            |
| Feminino           | 142 | 39,0       |
| Masculino          | 222 | 61,0       |
| Total              | 364 | 100        |
| Raça/Cor           |     |            |
| Amarela            | 12  | 3,3        |
| Branca             | 162 | 44,5       |
| Indígena           | 7   | 1,9        |
| Negra <sup>a</sup> | 183 | 50,3       |
| Total              | 364 | 100        |
| Faixa etária       |     |            |
| 15 a 17 anos       | 187 | 51,4       |
| 18 a 21 anos       | 65  | 17,9       |
| ≥ 22 anos          | 105 | 28,8       |
| Missings           | 7   | 1,9        |
| Total              | 364 | 100        |
| Classe social      |     |            |
| A                  | 2   | 0,6        |
| B1                 | 3   | 0,8        |
| B2                 | 23  | 6,3        |
| C1                 | 49  | 13,5       |
| C2                 | 108 | 29,7       |
| D-E                | 179 | 49,2       |
| Total              | 364 | 100        |

<sup>a</sup> Os participantes que se autodeclararam de cor/raça parda foram agrupados com os participantes que se autodeclararam pretos, pela classificação do IBGE, para a adequação em termos de raça negra.

Fonte: Elaborado pelos autores



Este perfil mostra as interseccionalidades que atravessam as condições destes estudantes da EJA, na medida em que o entrecruzamento das dimensões de raça, classe social, faixa etária e sexo/gênero potencializam as experiências de vulneração dos sujeitos (HIRATA, 2014). Aqui vamos trabalhar com o conceito de vulneração que, para a Bioética, transcende ao conceito de vulnerabilidade, pois ultrapassa o que é simplesmente uma possibilidade para a concretude do ato de submissão a sofrimentos diversos (SOTERO, 2011).

A questão racial é uma das principais em destaque a discutir no perfil dos estudantes respondentes, já que a distribuição por raça/cor em Santa Catarina, no Censo de 2010, foram predominantemente de brancos (86,96%), seguido de negros (9,98%) e pardos (2,63%), por fim, indígenas (0,2%) (IBGE, 2011). Sendo assim, a população de estudantes da EJA em Florianópolis não espelha essa estatística, já que tivemos a presença de uma maioria de jovens de raça negra, quando somados os que se declararam pardos e pretos. Florianópolis, se destaca como a capital brasileira com um dos maiores Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM), o qual agrega a análise de três dimensões: longevidade, educação e renda. Entretanto, a capital demonstra, segundo pesquisa do Instituto Comunitário Grande Florianópolis sobre o diagnóstico social da situação de adolescentes e jovens no mundo do trabalho (ICOM, 2019), iniquidades sociais profundas, entre as quais uma maior carga de trabalho dos negros, pois os pardos (37,8 horas/semana) e pretos (34,6 h/s) trabalham mais horas do que os brancos (33 h/s) e ganham menos, sendo que a diferença salarial entre estas populações pode chegar a quase R\$ 1,4 mil. Além disso, há uma diferença em Florianópolis entre o IDHM da população negra (0,80) e da população branca (0,85), sendo que em Santa Catarina esta diferença é ainda maior, já que o índice para a população negra foi de 0,76 e o da branca de 0,82, segundo dados do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (ICOM, 2019). Estas questões mostram o atravessamento do racismo estrutural no acesso e sucesso educacional e seus impactos na prevalência de determinado perfil entre estudantes da EJA.

Estes dados são reforçados, assim, em sua interseccionalidade quando observamos que em sua absoluta maioria (92,3%) integram as classes C1, C2, D ou E, ou seja, cujas famílias ganham até dois salários mínimos ou menos. Entre estes, temos quase metade dos estudantes que se enquadram dentro da classe D e E, ou seja, aquelas cuja renda familiar estava na média, em 2017, dos R\$ 708,19 (ABEP, 2018), desvelando a condição de alta vulnerabilidade econômica dos que procuram a EJA para concluir seus estudos. Demarca-se, assim, questões históricas do acesso e permanência na estrutura da escola regular da população com esse tipo de marcadores sociais. Em comparação com o levantamento entre estudantes realizado pelo CEBRID, em 2010, entre escolas públicas e privadas de Florianópolis, no qual 33,1%

pertenciam à classe B, 46% à classe C, sendo somente 12,7% à classe D e 2,7% à classe E, verifica-se, que a questão da vulnerabilidade socioeconômica é, de fato, parte central do perfil dos estudantes da EJA.

Este dado evidencia que estudantes pertencentes a estas classes menos favorecidas são expostos a um processo de exclusão escolar que os levam a buscar estratégias educativas mais condizentes com sua realidade. As condições educativas propostas pela EJA parecem facilitar a inclusão desses estudantes, pois, por exemplo, as aulas noturnas se colocam como um facilitador para um público de características majoritariamente de trabalhadores. Por outro lado, estudantes, que em função de seu histórico do que se costuma definir como “dificuldades de aprendizagem” no ensino regular, vão em busca de métodos didáticos alternativos, mais inclusivos, que facilitam o acesso ao conhecimento universalmente produzido, como se caracterizam muitas das propostas didático pedagógicas da EJA. O retorno aos bancos escolares significa possibilidades de reinserção social e educativa, assim como uma possibilidade de obter de forma mais acelerada a certificação, que possibilita o ingresso no mercado de trabalho ou a continuidade para outros níveis educacionais (CARRANO *et al.*, 2015).

Muitas vezes, porém, a EJA acaba por reforçar o processo anterior de exclusão, ao manter um projeto pedagógico tradicional, que entra em conflito com valores culturais e sociabilidades desses alunos (HADDAD; DI PIERO, 2000; MELLO, 2009). Não é este o caso da EJA de Florianópolis, que ao se deparar com estes desafios buscou inovar ao utilizar a pesquisa como princípio educativo, seguindo metodologia baseada em Paulo Freire (REIBNITZ; MELO, 2021).

A maior prevalência de jovens entre os participantes deste estudo (até 21 anos são 69,2%) vem a reforçar a discussão do processo de juvenilização da EJA, em consonância com outro levantamento realizado entre estudantes da EJA em Santa Catarina entre 2012 e 2014 (LAFFIN *et al.*, 2015). Estes dados consubstanciam a hipótese de que o público estudantil dessa modalidade educativa vem se modificando, sendo cada vez mais caracterizado por jovens que buscam a EJA em função de suas trajetórias truncadas com seu processo de escolarização regular, com impactos em seus processos de vulneração social e implicações para os direitos básicos de cidadania (CARRANO *et al.*, 2015).

## Padrão de consumo de álcool e suas relações com perfil socioeconômico de estudantes da EJA - Florianópolis

Em relação ao padrão de consumo de substâncias psicoativas no último ano e no último mês, os dados evidenciaram que o álcool foi a substância mais consumida pelos estudantes da EJA de Florianópolis, com uma prevalência de 73,9% no último ano e 69% no último mês como se verifica na tabela 2.

**Tabela 2** – Caracterização do padrão de consumo no mês e no ano de álcool e maconha de estudantes da EJA de Florianópolis, 2017.

| Substância | Padrão de consumo de álcool e maconha no último ano |      |     |      |         |      |
|------------|---|------|-----|------|---------|------|
|            | Não   | (%)  | Sim | (%)  | Missing | (%)  |
| Álcool     | 60  | 16,5 | 269 | 73,9 | 35      | 9,6  |
| Maconha    | 80  | 22,0 | 142 | 39,0 | 142     | 39,0 |

  

| Substância | Padrão de consumo no último mês e quantidade de dias dos que apontaram consumo de álcool e maconha |      |     |      |         |      |          |      |        |     |        |      |
|------------|--|------|-----|------|---------|------|----------|------|--------|-----|--------|------|
|            | Não  | (%)  | Sim | (%)  | Missing | (%)  | 1-5 dias | (%)  | 6-19 d | (%) | ≥ 20 d | (%)  |
| Álcool     | 113  | 31,0 | 216 | 59,3 | 35      | 9,6  | 172      | 47,3 | 28     | 7,7 | 16     | 4,4  |
| Maconha    | 106  | 29,1 | 116 | 31,9 | 142     | 39,0 | 50       | 13,7 | 13     | 3,6 | 53     | 14,6 |

Fonte: Elaborado pelos autores

Estes dados confirmam pesquisas anteriores, nas quais o álcool foi a substância mais consumida entre estudantes de escolas públicas e privadas (CARLINI *et al.*, 2010; GALDURÓZ *et al.*, 2004; IBGE, 2021). As prevalências de consumo do álcool dos estudantes da EJA no último ano e mês são um pouco superiores aos dados de levantamentos entre estudantes da Região Sul, de Santa Catarina e de Florianópolis entre estudantes do ensino regular, como foram descritos os dados na introdução (CARLINI *et al.*, 2010; IBGE, 2021).

A tabela 3, por sua vez, mostra o padrão de consumo de álcool de participantes com respostas disponíveis em relação ao último ano e o último mês, considerando as dimensões de sexo/gênero, classe social, raça e faixa etária. Sobre a questão de sexo/gênero não houve diferença significativa no padrão de consumo dos estudantes, o que implica, que as mulheres também acompanham seus colegas homens no consumo das substâncias psicoativas. Em outras pesquisas o padrão de consumo das estudantes do sexo feminino também apareceu elevado, sendo que, em alguns levantamentos apresentaram até padrões mais elevados do que os

estudantes do sexo masculino (CARLINI *et al.*, 2010; GALDUROZ *et al.*, 2004; IBGE, 2021), ou um consumo similar entre participantes de ambos os sexos (IBGE, 2016).

**Tabela 3** – Padrão de consumo de álcool de participantes com respostas disponíveis em relação ao último ano e o último mês e em relação a sexo, faixa etária, raça e classe social de estudantes da EJA de Florianópolis, a partir de casos válidos e intervalo de confiança de 95%

|                      | Consumo de álcool no último ano |     |     |     |          |       | Consumo de álcool no último mês |     |     |     |     |          |        |                |     |    |     |  |  |  |
|----------------------|---------------------------------|-----|-----|-----|----------|-------|---------------------------------|-----|-----|-----|-----|----------|--------|----------------|-----|----|-----|--|--|--|
|                      | Não                             | %   | Sim | %   | $\chi^2$ | p     | V <sup>a</sup>                  | Não | %   | Sim | %   | $\chi^2$ | p      | V <sup>a</sup> |     |    |     |  |  |  |
| <b>Sexo</b>          |                                 |     |     |     |          |       |                                 |     |     |     |     |          |        |                |     |    |     |  |  |  |
| Feminino             | 2                               | 7,6 | 10  | 32, | 0,10     | 0,746 | 0,01                            | 48  | 14, | 83  | 25, | 0,50     | 0,47   | 0,03           |     |    |     |  |  |  |
|                      | 5                               |     | 6   | 2   |          |       |                                 | 5   | 8   | 5   | 0   |          |        |                | 5   | 0  |     |  |  |  |
| Masculino            | 3                               | 10, | 16  | 49, |          |       |                                 | 68  | 20, | 13  | 40, |          |        |                |     |    |     |  |  |  |
|                      | 5                               | 6   | 3   | 5   |          |       |                                 | 5   | 3   | 1   |     |          |        |                |     |    |     |  |  |  |
| Total                | 6                               | 18, | 26  | 81, |          |       |                                 | 11  | 34, | 21  | 65, |          |        |                |     |    |     |  |  |  |
|                      | 0                               | 2   | 9   | 8   |          |       |                                 | 6   | 9   | 6   | 1   |          |        |                |     |    |     |  |  |  |
| <b>Faixa etária</b>  |                                 |     |     |     |          |       |                                 |     |     |     |     |          |        |                |     |    |     |  |  |  |
| 15 a 17              | 2                               | 6,8 | 14  | 45, | 16,0     | 0,001 | 0,22                            | 52  | 16, | 11  | 36, | 7,80     | 0,020* | 0,15           |     |    |     |  |  |  |
|                      | 2                               |     | 7   | 5   |          |       |                                 | 1   | 3   | 1   | 7   |          |        |                | 2   | 0  | 5   |  |  |  |
| 18 a 21              | 6                               | 1,9 | 51  | 15, |          |       |                                 | 8   | 15  | 4,6 | 42  |          |        |                | 13, | 0  | 13, |  |  |  |
|                      | 3                               | 9,3 | 67  | 20, |          |       |                                 | 44  | 13, | 53  | 16, |          |        |                |     |    |     |  |  |  |
|                      | 0                               |     | 7   | 7   |          |       |                                 | 6   | 4   | 4   | 4   |          |        |                |     |    |     |  |  |  |
| Total                | 5                               | 18, | 26  | 82, |          |       |                                 | 11  | 34, | 21  | 65, |          |        |                |     |    |     |  |  |  |
|                      | 8                               | 0   | 5   | 0   |          |       |                                 | 1   | 4   | 2   | 6   |          |        |                |     |    |     |  |  |  |
| <b>Raça/Cor</b>      |                                 |     |     |     |          |       |                                 |     |     |     |     |          |        |                |     |    |     |  |  |  |
| Amarela              | 5                               | 1,5 | 5   | 1,5 | 8,11     | 0,044 | 0,15                            | 4   | 1,2 | 6   | 1,8 | 0,25     | 0,96   | 0,02           |     |    |     |  |  |  |
| Branca               | 2                               | 8,8 | 11  | 35, |          |       |                                 | 2   | 50  | 15, | 97  |          |        |                | 29, | 5  | 5   |  |  |  |
|                      | 9                               |     | 8   | 9   |          |       |                                 | 2   | 2   | 0,6 | 5   |          |        |                | 1,5 | 5  | 8   |  |  |  |
| Indígena             | 1                               | 0,3 | 6   | 1,8 |          |       |                                 | 7   | 2   | 0,6 | 5   |          |        |                | 1,5 | 5  | 8   |  |  |  |
|                      | 1                               |     | 6   | 1,8 |          |       |                                 | 7   | 2   | 0,6 | 5   |          |        |                | 1,5 | 5  | 8   |  |  |  |
| Negra                | 2                               | 7,6 | 14  | 42, |          |       |                                 | 57  | 17, | 10  | 32, |          |        |                |     |    |     |  |  |  |
|                      | 5                               |     | 0   | 6   |          |       |                                 | 3   | 8   | 8   | 8   |          |        |                |     |    |     |  |  |  |
| Total                | 6                               | 18, | 26  | 81, |          |       |                                 | 11  | 34, | 21  | 65, |          |        |                |     |    |     |  |  |  |
|                      | 0                               | 2   | 9   | 8   |          |       |                                 | 3   | 3   | 6   | 7   |          |        |                |     |    |     |  |  |  |
| <b>Classe social</b> |                                 |     |     |     |          |       |                                 |     |     |     |     |          |        |                |     |    |     |  |  |  |
| A                    | 0                               | 0,0 | 2   | 0,6 | 10,0     | 0,074 | 0,16                            | 0   | 0,0 | 2   | 0,6 | 6,36     | 0,27   | 0,01           |     |    |     |  |  |  |
| B1                   | 0                               | 0,0 | 3   | 0,9 |          |       |                                 | 4   | 0   | 0,0 | 3   |          |        |                | 0,9 | 4  | 0   |  |  |  |
| B2                   | 2                               | 0,6 | 19  | 5,8 |          |       |                                 | 3   | 6   | 1,8 | 15  |          |        |                | 4,6 | 3  | 0,9 |  |  |  |
| C1                   | 1                               | 3,0 | 33  | 10, |          |       |                                 | 4   | 17  | 5,2 | 26  |          |        |                | 8,0 | 4  | 12  |  |  |  |
|                      | 0                               |     | 0   | 0   |          |       |                                 | 3   | 17  | 5,2 | 26  |          |        |                | 8,0 | 4  | 12  |  |  |  |
| C2                   | 1                               | 3,3 | 88  | 26, |          |       |                                 |     |     |     | 30  |          |        |                | 9,0 | 65 | 20, |  |  |  |
|                      | 1                               |     | 7   | 7   |          |       |                                 |     |     |     | 0   |          |        |                | 0   | 0  | 0   |  |  |  |
| D-E                  | 3                               | 11, | 12  | 37, |          |       |                                 | 60  | 18, | 10  | 31, |          |        |                |     |    |     |  |  |  |
|                      | 7                               | 2   | 4   | 7   |          |       |                                 | 5   | 1   | 1   | 1   |          |        |                |     |    |     |  |  |  |
| Total                | 6                               | 18, | 26  | 81, |          |       |                                 | 11  | 34, | 21  | 65, |          |        |                |     |    |     |  |  |  |
|                      | 0                               | 2   | 9   | 8   |          |       |                                 | 3   | 8   | 2   | 2   |          |        |                |     |    |     |  |  |  |

<sup>a</sup> V de Cramer; \*Valor-p  $\leq$  0,05

Fonte: Elaborado pelos autores

Em relação à raça/cor foi observada associação estatisticamente significativa com consumo de álcool no último ano ( $V$  de Cramer = 0,157,  $p = 0,044$ ), ainda que não com muita força na associação, sendo que o grupo que se autodeclarou de raça/cor amarelo, teve a carga de resíduos ajustados mais significativos, tanto os que alegaram consumo ( $z = -2,6$ ) como os que negaram ( $z = 2,6$ ). Este dado, porém, é fragilizado pelo “ $n$ ” baixo de estudantes de cor amarela presentes entre os respondentes. No último ano e mês o consumo de álcool na raça negra foi de 42,6% e 32,9% e na branca foi de 35,9% e 29%, respectivamente, sendo que apesar de um pouco superior entre os estudantes negros a diferença não apresentou significância. Assim, pode-se sugerir que a variável de análise raça, parece não indicar um fator relacionado a susceptibilidade ao consumo de álcool nos estudantes da EJA.

Em relação à dimensão da classe social não houve diferença significativa no consumo do álcool entre os estudantes da EJA.

A associação mais significativa entre os estudantes da EJA Florianópolis foi na relação com a faixa etária, principalmente no consumo de álcool no último ano e mês (tabela 3). Foi observada um  $p$  significativo, ainda que a força da associação tenha sido moderada ( $V$  de Cramer = 0,223,  $p = 0,001$ ), demonstrando na análise de resíduos ajustados diferenças mais significativas para o grupo de participantes de 15 a 17 anos ( $z = 2,4$ ) para índices mais elevados de consumo e para o grupo com 22 anos ou mais ( $z = 4,0$ ), para índices mais baixos de consumo. Para o consumo de álcool no último mês em relação à faixa etária, também foi observada uma associação estatisticamente significativa, porém fraca em seu poder associativo ( $V$  de Cramer = 0,155,  $p = 0,020$ ), com a análise de resíduos ajustados, apresentando maior diferença para o grupo de 22 anos ou mais que alegou ter consumido álcool no período ( $z = -2,7$ ) ou não ( $z = 2,7$ ).

### **Padrão de consumo de maconha e suas relações com perfil socioeconômico de estudantes da EJA - Florianópolis**

Em relação ao padrão de consumo de maconha dos estudantes da EJA de Florianópolis, em 2017, os dados dos participantes evidenciaram índices elevados, com 39% de uso no último ano e 31,9% no último mês (tabela 2). Os resultados revelam, quando consideradas somente as substâncias ilícitas, uma maior prevalência no consumo de maconha, assim como foi evidenciado em outros estudos conduzidos com a população em geral (BASTOS *et al.*, 2017; CARLINI *et al.*, 2002) e com estudantes brasileiros (CARLINI *et al.*, 2010; IBGE, 2016; IBGE, 2021).

É importante ressaltar, entretanto, a diferença significativa no maior consumo de maconha entre os estudantes da EJA em comparação com os estudantes do ensino regular. Enquanto o CEBRID (CARLINI *et al.*, 2010) indicou o consumo no ano, em Florianópolis, como sendo de 5,0% entre estudantes de escolas públicas e particulares, 39% dos estudantes aqui analisados indicaram haver consumido maconha no último ano. Já a PENSE (IBGE, 2021) indicou o consumo nos últimos 30 dias de 6,7% dos estudantes da Região Sul do Brasil, sendo 10,3% entre a faixa etária de 16 a 17 anos, mais próxima da idade dos estudantes da EJA analisados. Nesta mesma pesquisa, Florianópolis foi a capital com maior consumo de maconha no último mês (9,4%) (IBGE, 2021). Para os estudantes da EJA de Florianópolis, conforme os dados aqui discutidos, o índice no mês foi de 31,9%, significativamente mais elevado.

Atentando-se para o dado significativamente elevado de padrão de consumo de maconha na EJA em Florianópolis quando comparado aos padrões nacionais e locais, é necessário voltar-se para questões contextuais e interseccionais que possam estar influenciando este quadro. Uma questão que pode estar associada, exigindo o cruzamento com dados qualitativos, é a questão da alta vulnerabilidade psicossocial desta população, como demonstra o perfil socioeconômico, mas também os depoimentos de exclusão da escola regular e da discussão do sentido de estudar para este grupo.

A tabela 4, por sua vez, mostra o padrão de consumo de maconha dos participantes com respostas válidas em relação ao último ano e o último mês, considerando as dimensões de sexo/gênero, faixa etária, raça e classe social.

**Tabela 4** – Padrão de consumo de maconha de participantes com respostas disponíveis em relação ao último ano e o último mês e em relação a sexo, faixa etária, raça e classe social de estudantes da EJA de Florianópolis, a partir de casos válidos e intervalo de confiança de 95%

|                     | Consumo de maconha no último ano |      |     |      |          |        |                | Consumo de maconha no último mês |      |     |      |          |        |                |
|---------------------|----------------------------------|------|-----|------|----------|--------|----------------|----------------------------------|------|-----|------|----------|--------|----------------|
|                     | Não                              | %    | Sim | %    | $\chi^2$ | p      | V <sup>a</sup> | Não                              | %    | Sim | %    | $\chi^2$ | p      | V <sup>a</sup> |
| <b>Sexo</b>         |                                  |      |     |      |          |        |                |                                  |      |     |      |          |        |                |
| Feminino            | 33                               | 14,9 | 46  | 20,7 | 1,75     | 0,18   | 0,08           | 42                               | 18,9 | 37  | 16,7 | 1,442    | 0,23   | 0,08           |
| Masculino           | 47                               | 21,2 | 96  | 43,2 |          |        |                | 64                               | 28,8 | 79  | 35,6 |          |        |                |
| Total               | 80                               | 36,0 | 142 | 64,0 |          |        |                | 106                              | 47,7 | 116 | 52,3 |          |        |                |
| <b>Faixa etária</b> |                                  |      |     |      |          |        |                |                                  |      |     |      |          |        |                |
| 15 a 17             | 27                               | 12,4 | 87  | 39,9 | 18,9     | 0,001* | 0,29           | 44                               | 20,2 | 70  | 32,1 | 11,44    | 0,003* | 0,22           |
| 18 a 21             | 20                               | 9,2  | 28  | 12,8 |          |        |                | 24                               | 11,0 | 24  | 11,0 |          |        |                |
| 22 ou +             | 32                               | 14,7 | 24  | 11,0 |          |        |                | 37                               | 17,0 | 19  | 8,7  |          |        |                |

|                      |         |          |         |          |      |      |      |         |          |         |          |          |        |           |
|----------------------|---------|----------|---------|----------|------|------|------|---------|----------|---------|----------|----------|--------|-----------|
| Total                | 79      | 36,<br>2 | 13<br>9 | 63,<br>8 |      |      |      | 10<br>5 | 48,<br>2 | 11<br>3 | 51,<br>8 |          |        |           |
| <b>Raça/Cor</b>      |         |          |         |          |      |      |      |         |          |         |          |          |        |           |
| Amarela              | 1       | 0,5      | 4       | 1,8      |      |      |      | 2       | 0,9      | 3       | 1,4      |          |        |           |
| Branca               | 34      | 15,<br>3 | 67      | 30,<br>2 | 1,59 | 0,66 | 0,08 | 44      | 19,<br>8 | 57      | 25,<br>7 | 1,572    | 0,66   | 0,08      |
| Indígena             | 1       | 0,5      | 3       | 1,4      | 2    | 1    | 3    | 2       | 0,9      | 2       | 0,9      |          |        |           |
| Negra                | 44      | 19,<br>8 | 68      | 30,<br>6 |      |      |      | 58      | 26,<br>1 | 54      | 24,<br>3 |          |        |           |
| Total                | 80      | 36,<br>0 | 14<br>2 | 64,<br>0 |      |      |      | 10<br>6 | 47,<br>7 | 11<br>6 | 52,<br>3 |          |        |           |
| <b>Classe social</b> |         |          |         |          |      |      |      |         |          |         |          |          |        |           |
| A                    | 0       | 0,0      | 2       | 0,8      |      |      |      | 0       | 0,0      | 2       | 0,9      |          |        |           |
| B1                   | 0       | 0,0      | 2       | 0,8      |      |      |      | 0       | 0,0      | 2       | 0,9      |          |        |           |
| B2                   | 5       | 2,1      | 10      | 4,1      |      |      |      | 5       | 2,3      | 10      | 4,5      |          |        |           |
| C1                   | 3       | 1,2      | 23      | 9,5      | 13,4 | 0,05 | 0,02 | 6       | 2,7      | 20      | 9,0      | 15,<br>7 | 0,017* | 0,24<br>9 |
| C2                   | 49      | 20,<br>2 | 40      | 16,<br>5 |      |      |      | 37      | 16,<br>7 | 32      | 14,<br>4 |          |        |           |
| D-E                  | 43      | 17,<br>8 | 65      | 26,<br>9 |      |      |      | 58      | 26,<br>1 | 50      | 22,<br>5 |          |        |           |
| Total                | 10<br>0 | 41,<br>3 | 14<br>2 | 58,<br>7 |      |      |      | 10<br>6 | 47,<br>7 | 11<br>6 | 52,<br>3 |          |        |           |

<sup>a</sup> V de Cramer; \*Valor-p ≤ 0,05

Fonte: Elaborado pelos autores

Entre os estudantes da EJA de Florianópolis, em 2017, não apareceram diferenças significativas no padrão de consumo de maconha entre sexo/gênero, sendo que homens e mulheres tiveram índices aproximados de consumo no último mês e ano. Estes dados divergem de outros levantamentos nacionais, os quais apontam uma associação importante com a dimensão do sexo/gênero dos participantes, nos quais se observou um maior consumo de maconha no sexo masculino (CARLINI *et al.*, 2010; GALDUROZ *et al.*, 2004; IBGE, 2016; IBGE, 2021).

No que tange à questão da raça/cor, os dados não apresentaram diferença significativa no padrão de consumo de maconha entre os estudantes da EJA de Florianópolis.

Da mesma forma como no consumo de álcool, foi a questão da faixa etária que apresentou diferenças significativas no consumo de maconha entre os estudantes participantes (tabela 4). As diferenças observadas foram, sobretudo, entre o grupo de participantes mais jovens (15 a 17 anos) e o grupo de participantes mais velhos (22 anos ou mais). O consumo de maconha no último ano apresentou um p significativo, mas um índice não tão forte em seu efeito associativo (V de Cramer = 0,295, p = 0,001). A análise de resíduos ajustados demonstrou maiores cargas de resíduos nos grupos de 15 a 17 anos (z = 4,0) para maiores índices de consumo e no grupo de 22 anos ou mais (z = 3,8), para menores índices de consumo. O uso de maconha no último mês apresentou também associação semelhante ao ano em relação à faixa



etária ( $V$  de Cramer = 0,229,  $p = 0,003$ ). O grupo de participantes com faixa etária de 15 a 17 anos ( $z = 3,0$ ) e o grupo de 22 anos ou mais ( $z = 3,1$ ) apresentaram as maiores diferenças residuais da análise, o que contribuiu majoritariamente para a associação observada. Essa significância no consumo da faixa etária retoma a discussão dos impactos da juvenilização da EJA (CARRANO, 2007; SOUZA FILHO; CASSOL; AMORIM, 2021).

Como afirma Carrano (2007, p. 3) a entrada dos jovens na EJA traz desafios que transcendem os projetos pedagógicos tradicionais, pois implicam a necessidade de

[...] compreender os tempos e espaços não escolares dos sujeitos jovens que estão na escola, mas que não são, em última instância, da escola. Este jovem aluno cada vez mais jovem que chega às classes de EJA carrega para a instituição, referências de sociabilidade e interações que se distanciam das referências institucionais.

Nesta direção, ainda que “juventude” seja uma categoria construída no pós-guerra, esta construção social tornou-se práxis, fazendo-se produtiva e, assim, produzindo mundo e sociabilidades (CARRANO, 2007).

Este mesmo autor reflete sobre os conflitos mal resolvidos entre os jovens e as instituições, provocados pelas dificuldades de reconhecimento e tradução de sinais não decifrados adequadamente pela escola, advindos da especificidade da cultura dos jovens (CARRANO, 2007). É neste sentido que o abuso de álcool e maconha podem ter seus sinais enraizados na cultura destes jovens com trajetórias de vulnerabilidade, cuja decifração pode ser de difícil compreensão para profissionais e pesquisadores. Neste sentido, é importante realizar investigações que considerem as trajetórias de vida e o resgate dos sentidos existenciais destes estudantes.

Em relação a associação entre consumo de maconha e classe social, os resultados obtidos sobre o consumo de maconha, revelaram uma associação baixa com o consumo de maconha no último mês ( $V$  de Cramer = 0,249,  $p = 0,017$ ). A análise de resíduos ajustados indicou maior carga residual de disparidade maior para a classe socioeconômica C1 ( $z = 2,7$ ), com índices mais elevados de consumo. Dado o baixo número de participantes nas classes sociais mais altas (A e B1) foram realizadas análises complementares como a exclusão, o agrupamento e o remanejamento destes participantes e, mesmo assim, observou-se a manutenção da probabilidade de consumo de maconha no último mês e classe social ser uma associação não aleatória ( $0,006 \geq p \leq 0,019$ ), ainda que com um baixo efeito ( $0,21 \geq V$  de Cramer  $\leq 0,25$ ). Assim, para preservar a heterogeneidade da amostra optou-se pela manutenção das classes A e B1.

É importante ressaltar que no VI Levantamento realizado pelo CEBRID revelou-se um maior envolvimento de alunos das escolas privadas com o consumo de substâncias em geral e, especificamente, para maconha, álcool e tabaco, com maior prevalência das classes A e B, em relação às escolas públicas que, por sua vez, apresentam maior prevalência de estudantes das classes C, D e E. Porém, quando considerado o padrão de consumo frequente ou pesado, os índices foram maiores entre os estudantes de escolas públicas. Assim, possivelmente as diferenças sociais no caso dos estudantes, parece não ser relacionada ao maior acesso ao consumo dessas substâncias, mas possivelmente esteja associado a uma maior vulnerabilidade para o desenvolvimento de um padrão de consumo problemático (CARLINI *et al.*, 2010).

### Considerações finais

Este foi o primeiro estudo com foco na caracterização do consumo de substâncias psicoativas na EJA em Florianópolis, assim como, um dos primeiros levantamentos sobre o padrão de uso de álcool e outras drogas da população de estudantes desta modalidade educacional no Brasil. Estes estudantes, por seu perfil de maior vulnerabilidade psicossocial necessitam de maiores estudos epidemiológicos e descritivos do seu perfil, seja com características qualitativas e quantitativas, visando subsídios para a formulação de ações estratégicas e políticas públicas específicas.

No que se refere à faixa etária, o consumo de álcool e maconha apresentou uma relação mais significativa. Os estudantes mais jovens, 15 a 17 anos, declararam um maior consumo de ambas as substâncias que os estudantes acima de 18 anos e, principalmente, do que os estudantes mais velhos, acima de 22 anos. Estes dados nos fazem refletir sobre os impactos da juvenilização da EJA e os desafios pedagógicos daí decorrentes.

De maneira geral, as diferenças entre padrões de consumo de álcool e maconha dos estudantes da EJA de Florianópolis, em 2017, quando moderadas pelos indicadores socioeconômicos como sexo/gênero, raça e classe social, não demonstraram resultados significativos, apresentando força de correlação fraca. Sendo assim, há indicativos de que o perfil destes estudantes, quando procuram a modalidade da EJA, considerada como o “tabuleiro escolar da segunda chance”, como afirma Carrano (2007, p. 2), têm na vulnerabilidade psicossocial uma situação que transcende a própria condição de raça, classe social e sexo/gênero em si, implicando históricos de vulneração, marcados pelos processos de exclusão dos bancos escolares e estigmas sociais, que atravessam o perfil geral dos estudantes desta modalidade, aumentando sua condição de envolvimento em situações de risco psicossocial.

Os resultados obtidos no levantamento, que caracterizaram o consumo de álcool e, em especial, de maconha dos estudantes da EJA de Florianópolis, foram significativamente maiores do que o de índices nacionais de consumo de substâncias psicoativas entre estudantes do ensino regular, sendo inclusive, maior do que na população brasileira em geral. Estes dados reforçam a necessidade da atenção a este grupo, com o desafio de formulação de estratégias e programas de promoção de saúde, prevenção aos riscos e redução de danos, com foco específico para a modalidade da EJA.

Importante, também, o cuidado na abordagem desta questão do consumo elevado do álcool e maconha para não transformar esta relação em mais uma justificativa para os já custosos preconceitos que cercam os estudantes da EJA e para o aumento dos estigmas que os cercam. Por isso, esta situação exige também, a necessidade de ações que se voltem para a investigação dos processos de determinação social, dessa exposição a maiores riscos, buscando desvelar as interseccionalidades e os sentidos implicados no retorno aos bancos escolares por parte destes estudantes, o campo de possibilidades que se descortinam com esta modalidade educativa para esta população e da função do uso de substâncias no manejo dos desafios e conflitos de sua vida.

Sendo assim, decorrentes destes dados e de sua discussão, foram desenvolvidas duas propostas de intervenção para estudantes da EJA: uma delas foi a realização de oficinas psicoeducativas focadas em redução de danos e autocuidado, voltada para os jovens e professores. Em 2019, um ciclo de oficinas foi conduzido nos seis diferentes núcleos da EJA de Florianópolis, envolvendo a participação de mais de 100 estudantes e 20 professores, com a colaboração de estudantes de graduação e pós-graduação da UFSC como moderadores. Muito importante para estudantes que tem um padrão de consumo de substâncias psicoativas elevado, quando constatado por pesquisa, que se estabeleça uma abordagem dialógica, participativa, que não seja proibicionista e que considere a diversidade de vivências com as substâncias e com seus contextos de vida. Por isso, indica-se a redução de danos como uma das abordagens que melhor se adequam para este tipo de público, como o do perfil da EJA de Florianópolis. Não é uma abordagem que sirva para todo e qualquer público, por exemplo, estudantes mais novos e que não iniciaram ainda no uso de substâncias psicoativas, para os quais seriam mais adequado ações focadas em habilidades de vida, por exemplo.

Uma outra ação decorrente da pesquisa foi o desenvolvimento da proposta de oficinas de projeto de vida, construídas na perspectiva da promoção de saúde, como forma de enfrentar vulnerabilidades pessoais e construir um planejamento de estratégias para fortalecer perspectivas de futuro acadêmico e profissional. Isto porque, a maioria daqueles jovens

declararam que a EJA era a sua última oportunidade educacional e a consideraram uma ponte para um futuro melhor, em termos de cursar uma universidade, na melhoria nas condições de trabalho, emprego e renda. Sendo assim, desenvolver possibilidades concretas de construção de pontes para o futuro passa a ser uma importante responsabilidade e desafio pedagógico para a EJA (RODRIGUES, 2020).

Como limitação do estudo aponta-se a escassez de estimativas de confiabilidade dos instrumentos utilizados e, por conseguinte, das estimativas dos construtos subjacentes, sendo que os índices de força de associação entre as variáveis explicativas e as variáveis explicadas foram moderados ou baixos. Além disso, os resultados de pesquisa devem ser avaliados com parcimônia em relação à validade externa, dado delineamento de levantamento e a elevada quantidade de variáveis utilizadas para testar as hipóteses relacionadas ao problema de pesquisa. Sendo assim, os resultados apresentados e discutidos restringem-se para o perfil dos estudantes da EJA de Florianópolis, em 2017, e devem ser utilizados com cuidado para generalizações em outros contextos. Sugere-se, por fim, novas pesquisas que possam triangular dados qualitativos e quantitativos na análise dos dados, para assim graduar ainda mais a discussão dos resultados.

**AGRADECIMENTOS:** Ao CNPq pela Bolsa de Produtividade 2 para a Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Daniela Ribeiro Schneider.

## REFERÊNCIAS

ARROYO, M. G. Educação de jovens-adultos: Um campo de direitos e de responsabilidade pública. *In*: SOARES, L.; GIOVANETTI, M. A. G. C.; GOMES, N. L. (org.). **Diálogos na educação de jovens e adultos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa - ABEP. **Critério de Classificação Econômica Brasil**. São Paulo: CCEB, 2018. Disponível em: <https://www.abep.org/criterio-brasil>. Acesso em: 15 jun. 2018.

BASTOS, F. *et al.* **III Levantamento Nacional sobre o Uso de Drogas pela População Brasileira**. Rio de Janeiro: ICICT, Fiocruz, 2017. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/34614>. Acesso em: 10 jun. 2020.

BRASIL. **Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF: Presidência da República, 1996. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/L9394.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm). Acesso em: 15 mar. 2020.

BRASIL. **As cartas da promoção em saúde**. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2002. Disponível em: [https://bvsmis.saude.gov.br/bvs/publicacoes/cartas\\_promocao.pdf](https://bvsmis.saude.gov.br/bvs/publicacoes/cartas_promocao.pdf). Acesso em: 15 mar 2020.

CARLINI, E. A. *et al.* **I Levantamento domiciliar sobre o uso de drogas psicotrópicas no Brasil**: Estudo envolvendo as 107 maiores cidades do país: 2001. São Paulo: CEBRID; UNIFESP, 2002. Disponível em: <https://www.cebrid.com.br/wp-content/uploads/2012/10/I-Levantamento-Domiciliar-sobre-o-Uso-de-Drogas-Psicotr%C3%B3picas-no-Brasil-2001.pdf>. Acesso em: 23 jul. 2020.

CARLINI, E. A. *et al.* **VI Levantamento Nacional sobre o Consumo de Drogas Psicotrópicas entre Estudantes do Ensino Fundamental e Médio das Redes Pública e Privada de Ensino nas 27 Capitais Brasileiras – 2010**. São Paulo: CEBRID; UNIFESP 2010. Disponível em: <https://www.cebrid.com.br/wp-content/uploads/2012/10/VI-Levantamento-Nacional-sobre-o-Consumo-de-Drogas-Psicotr%C3%B3picas-entre-Estudantes-do-Ensino-Fundamental-e-M%C3%A9dio-das-Redes-P%C3%ABlica-e-Privada-de-Ensino-nas-27-Capitais-Brasileiras.pdf>. Acesso em: 28 abr. 2021.

CARRANO, P. C. Educação de Jovens e Adultos e Juventude: O desafio de compreender os sentidos da presença dos jovens na escola da “segunda chance”. **Revista de Educação de Jovens e Adultos**, n. 0, p. 1-11, 2007. Disponível em [http://www.emdialogo.uff.br/sites/default/files/educacao\\_de\\_jovens\\_e\\_adultos\\_e\\_juventude\\_-\\_carrano.pdf](http://www.emdialogo.uff.br/sites/default/files/educacao_de_jovens_e_adultos_e_juventude_-_carrano.pdf). Acesso em: 24 mar. 2020.

CARRANO, P. C. *et al.* Trajetórias truncadas, trabalho e futuro: Jovens fora de série na escola pública de ensino médio I. **Educação e Pesquisa [online]**, v. 41, n. esp., p. 1439-1454, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/P9xX7fLy8MSgL4VmcGK4ft/?lang=pt>. Acesso em: 6 dez. 2021.

FRIEDRICH, M. *et al.* Trajetória da escolarização de jovens e adultos no Brasil: de plataformas de governo a propostas pedagógicas esvaziadas. **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, v. 18, n. 67, p. 389-410, jun. 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ensaio/a/VCpG4Tr5KBvNkfdXj5ShtZG/?lang=pt>. Acesso em: 17 jun. 2021.

GALDURÓZ, J. C. *et al.* **V Levantamento nacional sobre o uso de drogas psicotrópicas entre estudantes do ensino fundamental e médio da rede pública de ensino nas 27 capitais brasileiras**. São Paulo: CEBRID; UNIFESP, 2004. Disponível em: <https://www.cebrid.com.br/wp-content/uploads/2004/04/V-Levantamento-Nacional-sobre-o-Consumo-de-Drogas-Psicotr%C3%B3picas-entre-Estudantes-do-Ensino-Fundamental-e-M%C3%A9dio-da-Rede-P%C3%ABlica-de-Ensino-nas-27-Capitais-Brasileiras-2004.pdf>. Acesso em: 15 mar. 2021.

HADDAD, S.; DI PIERO, M. C. Escolarização de Jovens e Adultos. **Revista Brasileira de Educação**, v. 14, p. 108-130, maio/ago. 2000. Disponível em <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/YK8DJk85m4BrKJqzHTGm8zD/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 16 jun. 2021.

HIRATA, H. Gênero, classe e raça Interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais. **Tempo Social**, v. 26, n. 1, p. 61-73, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ts/a/LhNLNH6YJB5HVJ6vnGpLgHz/abstract/?lang=pt>. Acesso: 16 jun. 2021.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. **Censo Brasileiro de 2010**. Rio de Janeiro: IBGE, 2011. Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br/>. Acesso em: 15 out. 2020.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. **Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PENSE)**: 2015. Rio de Janeiro: IBGE, 2016. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv97870.pdf>. Acesso em: 06 abr. 2021.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. **Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PENSE)**: 2019. Rio de Janeiro: IBGE, 2021. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101852.pdf>. Acesso em: 28 dez. 2021.

Instituto Comunitário Grande Florianópolis - ICOM. **População negra trabalha mais e ganha menos que a branca em Florianópolis**. Florianópolis: ICOM, 2019. Disponível em: <https://www.icomfloripa.org.br/populacao-negra-trabalha-mais-e-ganha-menos-que-a-branca-em-florianopolis/>. Acesso em: 05 fev. 2021.

LAFFIN, M. E. *et al.* **A oferta para a Educação de Jovens e Adultos em Santa Catarina: Seus processos e políticas públicas**. Relatório de pesquisa. 2015. Universidade Federal de Santa Catarina, Departamento de Educação, Florianópolis, 2015. Disponível em: <https://epejaufsc.paginas.ufsc.br/files/2020/03/A-oferta-para-a-Educa%C3%A7%C3%A3o-de-Jovens-e-Adultos-em-Santa-Catarina.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2020.

MELLO, M. Culturas e identidades juvenis: Na EJA de quem é mesmo o bagulho? **Websmed**, 2009. Disponível em: <https://websmed.portoalegre.rs.gov.br/escolas/emilio/autoria/artigos2009/artigo-marco-2009.pdf>. Acesso em: 21 mar. 2020.

PASSOS, J. C.; SANTOS, C. S. A. Educação das relações étnico-raciais na EJA: Entre as potencialidades e os desafios da prática pedagógica. **Educação em Revista**, v. 34, e192251, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edur/a/dsQgRT7Lzd7zM84DtrgB6jv/?lang=pt>. Acesso em: 30 fev. 2021.

PRADO, M. C. *et al.* Transcultural Adaptation of Questionnaire to Evaluate Drug Use Among Students: The Use of the EU-Dap European Questionnaire in Brazil. **Substance Use & Misuse**, v. 51, p. 1-10, 2016. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.3109/10826084.2015.1117108>. Acesso em: 30 jul. 2020.

RAUPP, L.; SCHNEIDER, D. R. Educação de jovens e adultos e problemas relacionados ao uso de drogas: Análise de necessidades psicossociais junto aos núcleos de Florianópolis/SC. **Cadernos Brasileiros de Saúde Mental**, v. 9, n. 24, p. 204-229, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/cbsm/article/view/69606>. Acesso em: 21 mar. 2020.



REIBNITZ, C. S.; MELO, A. C. S. Pesquisa como princípio educativo: Uma metodologia de trabalho para a Educação de Jovens e Adultos. **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, v. 29, n. 111, p. 484-502, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ensaio/a/yb4j3Sn68RMHj5RB6XgDPgL/?lang=pt>. Acesso em: 27 dez. 2021.

RODRIGUES, G. **O futuro como horizonte de possibilidades**: Criação do modelo lógico de um programa de promoção de saúde para a Educação de Jovens e Adultos. 2020. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2020. Disponível em <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/221985>. Acesso em: 29 set. 2022.

RUMMERT, S. M. A educação de jovens e adultos trabalhadores: O "novo" que reitera antiga destituição de direitos. **Sísifo, Revista de Ciências da Educação**, v. 2, p. 35-50, 2007. Disponível em: <http://sisifo.ie.ulisboa.pt/index.php/sisifo/article/view/50>. Acesso em: 10 jun. 2021.

SANCHEZ, Z. M. *et al.* The #Tamojunto Drug Prevention Program in Brazilian Schools: A Randomized Controlled Trial. **Prevention Science**, v. 18, p. 772–782, mar. 2017. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s11121-017-0770-8>. Acesso em: 10 jun. 2021.

SCHNEIDER, D. R. *et al.* Intervenção e pesquisa em promoção de saúde na EJA: Desafio do uso de metodologias emancipatórias. In: OLIVEIRA, A. C. **Bases Conceituais da Saúde**. 1. ed. Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/331596763\\_INTERVENCAO\\_E\\_PESQUISA\\_EM\\_PROMOCAO\\_DE\\_SAUDE\\_NA\\_EJADESAFIO\\_DO\\_USO\\_DE\\_METODOLOGIAS\\_EMANCIPATORIAS](https://www.researchgate.net/publication/331596763_INTERVENCAO_E_PESQUISA_EM_PROMOCAO_DE_SAUDE_NA_EJADESAFIO_DO_USO_DE_METODOLOGIAS_EMANCIPATORIAS). Acesso em: 21 mar. 2020.

SOTERO, M. Vulnerabilidade e vulneração: População de rua, uma questão ética. **Rev. Bioética**, v. 19, n. 3, p. 799-817, 2011. Disponível em: [http://revistabioetica.cfm.org.br/index.php/revista\\_bioetica/article/view/677/709](http://revistabioetica.cfm.org.br/index.php/revista_bioetica/article/view/677/709). Acesso em: 25 jun. 2020.

SOUZA FILHO, A. A.; CASSOL, A. P.; AMORIM, A. Juvenilização da EJA e as implicações no processo de escolarização. **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, v. 29, n. 112, p. 718-737, jul./set. 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ensaio/a/4b8tWfCRNXmBxCt8CzC3chQ/?lang=pt>. Acesso em: 27 dez. 2021.

VARGAS, L. S. *et al.* Determinantes do consumo de tabaco por estudantes. **Revista de Saúde Pública**, v. 51, n. 1, p. 1-9, 2017. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=67249591041>. Acesso em: 23 mar. 2021.



### Como referenciar este artigo

SOEIRO, A. G; GARCIA, D.; SCHNEIDER, D. R. Relação entre o perfil socioeconômico e o padrão de uso de álcool e maconha de estudantes da Educação de jovens e adultos (EJA). **Doxa: Rev. Bras. Psico. e Educ.**, Araraquara, v. 23, n. 00, e022009, 2022. e-ISSN: 2594-8385. DOI: <https://doi.org/10.30715/doxa.v23i00.16214>

**Submetido em:** 21/05/2022

**Revisões requeridas em:** 13/07/2022

**Aprovado em:** 08/09/2022

**Publicado em:** 30/11/2022

**Processamento e editoração: Editora Ibero-Americana de Educação.**

Revisão, formatação, normalização e tradução.

